

# INTERVENÇÃO CONTRA O BULLYING NAS ESCOLAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PRÁTICAS EXTENSIONISTAS ENVOLVENDO ADOLESCENTES

<https://doi.org/10.5902/2318133886983>

Pâmela Schultz Danzmann<sup>1</sup>  
Alessandro Valer<sup>2</sup>  
Ana Claudia Pinto da Silva<sup>3</sup>  
Naiana Dapieve Patias<sup>4</sup>

## Resumo

Nesse artigo, aborda-se o combate ao bullying nas escolas, por meio de da implantação de práticas extensionistas que promovam um ambiente seguro. Objetiva-se descrever as práticas e estratégias de intervenção empregadas pelos integrantes de um projeto de extensão nas escolas com o objetivo de trabalhar o bullying. Trata-se de um relato de experiência sobre as intervenções realizadas em quatro escolas. As intervenções foram registradas em diário de campo e analisadas mediante análise de conteúdo de Bardin. A maioria dos estudantes demonstraram um entendimento aprofundado sobre o conceito de bullying e relataram experienciar, testemunhar ou praticar o bullying. Conclui-se a relevância de intervenções extensionistas, bem como sugere-se implantação de ações periódicas nas escolas.

Palavras-chave: estudantes; violência escolar; psicologia escolar e educacional.

## INTERVENTION AGAINST BULLYING IN SCHOOLS: AN EXPERIENCE REPORT ON EXTENSIONIST PRACTICES INVOLVING ADOLESCENTS

## Abstract

Regarding the fight against bullying in schools, it is important to implement extension practices that promote a safe environment. The objective is to describe the practices and intervention strategies

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [pamelapsicologia10@gmail.com](mailto:pamelapsicologia10@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1438-4856>.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [alessandrovaler3012@gmail.com](mailto:alessandrovaler3012@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-6662-5561>.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [anaclaudiaps14@hotmail.com](mailto:anaclaudiaps14@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2777-6023>.

<sup>4</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [naiana.patias@ufsm.br](mailto:naiana.patias@ufsm.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9285-9602>.

Critérios de autoria: Pâmela Schultz Danzmann: concepção do estudo, coleta de dados, análise, interpretação e revisão. Alessandro Valer: análise, interpretação e revisão. Ana Claudia Pinto da Silva: análise, interpretação e revisão. Naiana Dapieve Patias: concepção do estudo, coleta de dados, análise, interpretação e revisão.

Recebido em 6 de março de 2024. Aceito em 29 de abril de 2024.



used by members of an extension project in schools with the aim of working on bullying. This is an experience report on interventions carried out in four schools. The interventions were recorded in a field diary and analyzed using Bardin's content analysis. The majority of students demonstrated an in-depth understanding of the concept of bullying and reported experiencing, witnessing or practicing bullying. The relevance of extension interventions is concluded, as well as the implementation of periodic actions in schools is suggested.

Key-words: students; school violence; school and educational psychology.

## Introdução

**O** bullying é considerado um tipo de violência interpessoal, o qual se apresenta na forma de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, que geram sofrimento, baseados num desequilíbrio na relação de poder entre pares (Lopes Neto, 2005; Olweus, 2013; Olweus; Limber, 2010; Silva et al., 2017). Suas práticas podem ser caracterizadas de maneira física, por meio de agressões; verbal, pelo uso de xingamentos e apelidos; psicológica, por meio de perseguição, intimidação ou chantagem; e virtual, praticado por intermédio da internet e mídias sociais, conhecido como cyberbullying (Olweus, 2013; Pigozi; Machado, 2015). Os envolvidos podem exercer papéis de agressores, vítimas, vítimas/agressores, espectadores ou testemunhas. Ademais, o fenômeno pode ser classificado de forma direta, envolvendo violências perpetradas na presença da vítima, como agressões físicas, verbais ou psicológicas. Além disso, há uma dimensão indireta, que inclui disseminação de fofocas e boatos, bem como a promoção de isolamento e exclusão (Oliboni et al., 2019; Olweus, 2013; Olweus; Limber, 2010).

Apesar de não ser um fenômeno exclusivo da escola, é nesse contexto que sua ocorrência vem aumentando nas últimas décadas e tem impactado crianças e adolescentes em idade escolar (Albuquerque; Maciel, 2022; Alcantara et al., 2019; Mello et al., 2017; Pires; Tessaro; Pedron, 2022). Estudos evidenciam que consequências emocionais e psíquicas negativas podem estar envolvidas com o bullying, como ansiedade, baixa autoestima, baixo rendimento escolar, automutilação, pensamentos e tentativas de suicídio, entre outros (Freire; Ayres, 2012; Pigozi; Machado, 2015; Silva et al., 2017; Vieira et al., 2020). Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – Pense –, que monitora e sistematiza indicadores de saúde dos escolares, em sua quarta edição em 2019, verificou-se que 23% dos estudantes sofreram algum tipo de bullying, enquanto que 12% praticaram algum tipo dessa violência nos trinta dias anteriores à pesquisa (IBGE, 2023). Esses índices expõem a alta prevalência deste fenômeno no contexto escolar, indicando uma possível naturalização da violência entre pares, o qual acaba se reproduzindo no interior da escola (Lembo et al., 2023; Mello et al., 2017).

Em virtude do cenário e repercussões crescentes, movimentos para debater e combater esse problema social surgiram no âmbito das políticas de saúde e educação. Em 2015, foi sancionada a lei n. 13.185, que criou o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying) e instituiu objetivos para seu combate, prevenção e conscientização em âmbito nacional (Brasil, 2015). Ademais, em 2018, a partir do decreto que sancionou a lei n. 13.663, foi incluída como dever dos estabelecimentos de ensino esses mesmos objetivos da lei supracitada para o combate da intimidação sistemática e a promoção da cultura de paz, alterando o artigo 12 da LDB. Mais recente, em 2024, foi sancionada a lei n. 14.811, que estabeleceu a intimidação sistemática (bullying) e sua variação virtual, cyberbullying, como crimes sujeito a penas previstas no Código Penal (Brasil, 2024). Desse

modo, a inserção do fenômeno do bullying em legislaturas, que propõem ações legais e guiam as normas da educação no país, demonstram a preocupação e a necessidade de enfrentamento dessa problemática.

À vista disso, a Psicologia nas escolas, por meio das práticas extensionistas, encontra possibilidades para contribuir com a implantação de ações contra o bullying. A Psicologia Escolar e Educacional compreende seu campo de atuação como resultado de processos interacionais dos atores envolvidos e suas especificidades, os quais moldam a instituição e os processos de ensino-aprendizagem, para a elaboração de análises e intervenções que visam ao desenvolvimento do contexto educacional (CFP, 2019; Freire; Aires, 2012; Oliveira; Marinho-Araújo, 2009). Ademais, a extensão universitária caracteriza-se pela sua interlocução entre a universidade e a comunidade, na qual estabelece articulações entre teorias e práticas para a construção de conhecimentos que podem, não só colaborar com o avanço científico da academia, mas também beneficiar melhorias sociais (Forproex, 2012; Santos; Rocha; Passaglio, 2016). Dessa forma, a integração da Psicologia Escolar e Educacional com a extensão potencializa os saberes e fazeres profissionais e, com isso, coopera para a superação de obstáculos e promove o desenvolvimento de seus contextos (Forproex, 2012; Freire; Aires, 2012).

Portanto, considerando o bullying um fenômeno crescente que vem impactando negativamente seus envolvidos, evidencia-se a notoriedade que a Psicologia Escolar e Educacional e a extensão universitária dispõem para desenvolver intervenções para seu combate, prevenção e conscientização.

### **Método**

As atividades de intervenção descritas nesse artigo tiveram sua origem no âmbito do projeto de extensão denominado *Psicologia escolar e educacional nas escolas de educação básica: diagnóstico e intervenções institucionais* – Pedi. Esse projeto foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudo em Contextos de Desenvolvimento: Família e Escola – Nedefe –, da Universidade Federal de Santa Maria. O propósito central do referido projeto é realizar intervenções nas escolas de educação básica, utilizando-se do mapeamento institucional (Marinho-Araujo; Almeida, 2005) e da identificação das necessidades específicas de cada escola para a implantação de ações direcionadas a crianças, adolescentes, docentes, famílias e equipe pedagógica.

Neste estudo, serão relatadas as ações destinadas aos estudantes com o tema bullying. As oficinas foram promovidas em resposta às solicitações dos docentes e aos pedidos dos estudantes, que foram expressos por meio da caixa de sugestões. As ações de extensão foram executadas ao longo do período compreendido entre 2022 e 2023, sendo que o projeto de extensão encontra-se em andamento. As atividades sobre o bullying foram implantadas em três escolas públicas e uma escola privada, localizadas numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. As atividades de extensão foram implantadas em 17 grupos distintos de estudantes envolvendo, aproximadamente, 470 crianças e adolescentes do ensino fundamental. Para a realização desses encontros, foram utilizados materiais como papel, cartolina e canetas. As ações extensionistas ocorreram nas salas de aula, nos turnos das aulas em concordância com a instituição e docentes das disciplinas e foram conduzidas por psicólogas estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, acadêmicos de psicologia sob orientação da coordenadora do projeto de extensão.

Cada encontro teve uma duração média de uma hora e ocorreu em dias e horários previamente acordados com a equipe diretiva de cada instituição. Após a conclusão dos grupos, todos os integrantes do Nedefe que realizaram as intervenções fizeram relato de cada encontro com cada turma por meio da escrita em diário de campo. Esses registros escritos foram submetidos à análise de conteúdo, que é uma abordagem sistemática de pesquisa envolvendo a interpretação e codificação de dados qualitativos ou textuais, visando identificar padrões, temas e tendências subjacentes. Esse processo passou por três fases distintas: 1) pré-análise, na qual os objetivos foram delineados, unidades de análise foram selecionadas, indicadores foram desenvolvidos e o material a ser analisado foi organizado; 2) exploração do material, categorização e codificação, envolvendo a aplicação de rótulos ou códigos a segmentos relevantes do conteúdo; 3) tratamento dos resultados, abrangendo revisão das categorias, desenvolvimento de inferências e interpretação, alinhando as conclusões com os objetivos da pesquisa (Bardin, 2016). No âmbito do presente artigo, foram estipuladas duas categorias a priori: descrição das atividades nos sextos e sétimos anos e descrição das atividades nos oitavos e nonos anos. Serão apresentados também fragmentos dos diários de campo escritos pelos coordenadores dos grupos.

Além disso, foi utilizado o Iramuteq, um software de análises de textos que oferece uma abordagem estatisticamente rigorosa, permitindo que os pesquisadores utilizem uma variedade de recursos técnicos para análise lexical. As análises realizadas foram: nuvem de palavras e similitude. A nuvem de palavras é uma representação visual de um conjunto de palavras, em que o tamanho de cada palavra é proporcional à sua frequência no texto original. Já a análise Similitude refere-se à ligação entre palavras no texto. Sua interface é notavelmente simples e de fácil compreensão. Além disso, destaca-se por ser uma solução de código aberto, proporcionando acesso gratuito (Camargo; Justo, 2013).

### **Discussão teórica**

Quanto aos resultados obtidos frente ao desenvolvimento de práticas e estratégias de intervenções extensionistas, serão discutidos os principais resultados com base na política de extensão universitária, na resolução de prevenção e combate ao bullying no contexto escolar e nas publicações da literatura nacional e internacional quanto às ações interventivas. Os principais resultados indicam que a maioria dos estudantes envolvidos nas atividades extensionistas demonstraram um entendimento aprofundado do conceito de bullying. No entanto, muitos deles relataram experienciar, testemunhar ou praticar, principalmente, o bullying físico e verbal. Tais intervenções serviram como forma de reflexão dos atos de muitos estudantes, bem como promoveram a conscientização sobre a gravidade dessa prática.

Nesse cenário, a implantação da lei antibullying assume um papel fundamental, não apenas como uma resposta necessária, mas como uma orientação legal que visa a criar um ambiente escolar saudável. A partir de tal legislação, são atribuídas à escola responsabilidades significativas, incluindo a promoção de ações preventivas, a identificação e abordagem eficaz de casos de bullying, além de criar mecanismos para o suporte emocional e psicológico das vítimas. A escola também deve desempenhar um papel ativo na conscientização da comunidade educacional sobre as consequências do bullying e na promoção de uma cultura de respeito e empatia. Além disso, a eficácia da lei antibullying

está intrinsecamente ligada à capacidade da escola de criar um ambiente que não apenas reprime o comportamento prejudicial, mas que também fomente valores de inclusão e respeito mútuo (Brasil, 2015).

Portanto, ações preventivas são cruciais para tornar-se um ambiente escolar seguro e acolhedor (Faraj; Costabeber; Nascimento; Aguiar, 2021). A partir da lei antibullying de prevenção e proteção ao bullying os pesquisadores exploram alternativas para combater essa forma de violência mediante a implantação de projetos de extensão, de ações pedagógicas ou de programas de intervenção.

Um estudo realizado no Brasil, apresentou um relato de experiência vinculado a um projeto de extensão universitária em educação e saúde envolvendo estudantes de Psicologia. Nesse projeto, os estudantes conduziram oficinas com adolescentes de uma escola municipal de ensino fundamental em Parnaíba/PI, com o objetivo principal de prevenir o bullying entre os alunos. Durante os encontros, foram abordados temas relacionados à orientação sobre as práticas do bullying, além da realização de atividades interativas e grupais que incluíram a produção de desenhos e cartazes abordando os diferentes tipos de violências escolares. Além disso, foram utilizados recursos digitais, como o Cine Pipoca e curta-metragens disponíveis no Youtube, entre outras atividades interventivas. Os resultados indicaram que essas oficinas desempenharam um papel significativo na conscientização das práticas de bullying (Costa et al., 2020). O estudo supracitado está alinhado com as ações interventivas apresentadas neste relato, reforçando a importância da extensão universitária no contexto escolar. Por meio dessas ações, buscou-se a conscientização coletiva sobre as práticas do bullying, fortalecimento de ações sociais, desenvolvimento da empatia e acolhimento mútuo, em consonância com a política da extensão universitária. Essa abordagem destaca a relevância não apenas do ensino acadêmico, mas também do engajamento ativo da comunidade universitária na promoção de valores e práticas sociais positivas (Forproex, 2012).

Quanto às ações pedagógicas, uma pesquisa nacional destaca a implantação dessas ações, com a inserção da temática do bullying no currículo da disciplina de Língua Portuguesa numa escola de educação básica situada no Oeste catarinense. Entre os resultados, destaca-se o uso de situações-problema do ambiente educacional e das interações entre os estudantes como uma estratégia pedagógica inovadora. Essa abordagem possui o potencial de transformar o ambiente escolar, promovendo a reflexão sobre as práticas pedagógicas, incentivando a coletividade e fomentando a cooperação (Pires; Tessaro; Pedron, 2022). Diante desses resultados, percebe-se que a maneira como a temática do bullying é abordada influencia na modificação do comportamento dos estudantes, sendo evidente especialmente durante a realização de ações grupais e por meio de dinâmicas que promovem a interação entre os alunos.

Além disso, tanto um estudo internacional (Ferrer-Cascales et al., 2019), quanto outro nacional (Silva et al., 2018), indicam o desenvolvimento de programas ou intervenções antibullying. Um exemplo internacionalmente reconhecido é o Programa Antibullying KiVa, implantado com estudantes em idades entre 7 e 9 anos, correspondendo às séries do 1º ao 3º ano do ensino fundamental em 73 escolas finlandesas. Com a perspectiva de que o bullying é um fenômeno de grupo, a intervenção concentra-se na promoção de mudanças positivas no comportamento dos espectadores, visando à redução das recompensas obtidas pelos agressores. Essas recompensas contribuem para a motivação na prática

violenta. O programa destaca o aumento da autoeficácia, empatia e atitudes antibullying entre os espectadores, que não são nem agressores nem vítimas. O objetivo é incentivar os espectadores a expressarem sua oposição à prática e, ao invés de apoiar o agressor, oferecer apoio à vítima (Kärna et al., 2013).

No contexto brasileiro, destaca-se um estudo que teve por objetivo avaliar a viabilidade de uma intervenção antibullying no espaço escolar. Esta intervenção consistiu em oito encontros semanais, envolvendo estudantes dos anos finais do ensino médio numa escola pública do Brasil. As atividades interventivas ocorreram por meio de jogos, como o de tabuleiro, psicoeducação sobre o bullying e atividades em grupo relacionadas à empatia e à construção da teia da amizade, entre outras. Os resultados obtidos demonstraram-se satisfatórios, evidenciando a importância das escolas reconhecerem os efeitos adversos do bullying. Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de implementar estratégias preventivas e protetivas destinadas aos estudantes que possam ser vítimas diretas ou indiretas desse tipo de violência escolar (Fernandes; Dell'aglio, 2021). A partir dos resultados positivos desses dois programas interventivos, entende-se que tais programas seguem uma estrutura quanto à organização dos encontros, cada encontro conta com ações interventivas distintas, uma vez que os autores enfatizam a relevância da participação contínua dos alunos até a conclusão do programa, tendo como foco a reflexão das ações e consequências geradas pelo bullying, em especial no contexto escolar. Ainda é válido ressaltar que muitos programas, em especial os internacionais, cobram uma taxa sobre a comercialização dos protocolos ou das intervenções propriamente. Tais resultados reforçam a importância da política de extensão universitária nas instituições de ensino superior, no que tange a manutenção e a implantação de novos projetos de extensão.

Em linha gerais, os resultados obtidos por meio das ações extensionistas apresentadas neste estudo e das pesquisas descritas nesta seção, indicam a importância de ações interventivas, sejam elas realizadas por meio da extensão, ações pedagógicas ou programas de intervenções. No entanto, é imprescindível que tais intervenções utilizem recursos interativos e grupais, os quais propiciam uma reflexão sobre as consequências do bullying. Ainda, a realização de orientação ou psicoeducação sobre tais práticas e seus malefícios pode resultar em mudanças no comportamento de crianças e adolescentes. Ressalta-se a necessidade de não reprimir ou ignorar essa prática, pois ela provoca um sofrimento significativo e não pode mais ser considerada uma brincadeira inofensiva. Ademais, entende-se por meio da literatura que as práticas do bullying são consideradas um fenômeno social, necessitando assim de investimentos e capacitações para professores, famílias e comunidade em geral.

Com base no exposto, evidencia-se a relevância da manutenção dessas práticas preventivas e de combate à violência do bullying no contexto escolar. Nesse sentido, ao abordar a prevenção do bullying, tais ações têm o potencial de fornecer apoio psicológico, e fomentar a cultura de paz, contribuindo para a formação integral de crianças e adolescentes. Diante disso, a escola, especialmente durante a infância e adolescência, desempenha uma importante função frente ao desenvolvimento dos estudantes, abrangendo não apenas o aspecto acadêmico, mas também a formação cidadã.

### **Resultados: descrição das atividades nos sextos e sétimos anos**

De maneira geral, os estudantes dos sextos e sétimos anos se destacavam por sua participação ativa, mostrando uma afinidade e interesse real em abordar o tema proposto. O número total de turmas envolvidas nestes anos foi de nove turmas, cada uma com uma média de 25 estudantes, distribuídas em três escolas distintas. Vale destacar que as atividades realizadas foram as mesmas em todas as turmas do sexto ano e sétimo ano. A participação dos docentes no encontro era opcional, ficando a critério de cada docente ou instituição decidir se permaneciam ou não na sala de aula. A maioria não permaneceu.

Ao ingressar nas turmas, os coordenadores promoveram uma atividade de integração por meio de uma roda de conversa, seguida de apresentações individuais, nas quais os estudantes compartilharam seus nomes e idades. Essas apresentações não apenas estabeleceram um ambiente de familiaridade, mas também contribuíram para a criação de um vínculo inicial entre os participantes.

No primeiro momento foi distribuído aos estudantes papéis, com o intuito de que expressassem por escrito ou por meio de desenhos as suas percepções e entendimentos acerca do fenômeno do bullying. Em seguida, foi proposto que compartilhassem suas reflexões com o grupo e no quadro foram registradas as falas apresentadas pelos estudantes a partir da atividade. Esse exercício não apenas incentivou a expressão individual, mas também proporcionou um momento de reflexão coletiva, permitindo que as diferentes perspectivas fossem compartilhadas e discutidas abertamente. Pode-se perceber assim que cada bilhete representou uma perspectiva única, enriquecendo a diversidade de experiências e entendimentos dentro do grupo. A abordagem por meio de escrita e desenhos facilitou a expressão de pensamentos e emoções, criando uma dinâmica envolvente e inclusiva.

Posteriormente a essa construção coletiva do conceito, foi realizada uma explanação abrangente sobre os distintos tipos de bullying, entre eles o físico, verbal, psicológico e virtual (cyberbullying). Para facilitar essa compreensão, foram utilizados recursos visuais na forma de imagens representativas desses diferentes tipos de bullying. Essas imagens foram impressas em papéis A4 e distribuídas aos participantes. Ao apresentar as imagens visuais, os participantes puderam conectar-se de forma mais direta com as características específicas de cada tipo de bullying. Essa abordagem facilitou a identificação de comportamentos prejudiciais e incentivou uma discussão mais aprofundada sobre como combater e prevenir essas práticas. Dentre essa discussão houve relatos de momentos que os estudantes sofreram ou praticaram o bullying. Alguns se arrependiam de seus comportamentos e outros até então denominavam as suas atividades como brincadeiras inofensivas, podendo a partir do entendimento da prática refletirem melhor sobre as situações que ocorreram.

A fim de aprofundar a compreensão, foi conduzida uma dinâmica envolvendo um boneco de papel, na qual os estudantes foram desafiados a proferir ofensas a uma folha de papel contendo a silhueta de uma pessoa enquanto a amassavam. Palavras depreciativas como "feio", "gordo", "narigudo", "amassado" e "seco" foram expressas, sendo que cada ofensa resultava no amassar de um pedaço da folha correspondente. Essa representação visual permitiu aos participantes perceberem de maneira tangível o impacto das palavras prejudiciais sobre a integridade da "pessoa" representada na folha. Na fase de pedir desculpas, a folha era desamassada, no entanto, os participantes reconheceram que as

marcas das ofensas persistiam, mesmo quando se esforçavam para deixar a folha o mais lisa possível. Esse momento simbólico destacou de forma impactante a ideia de que, mesmo após um pedido de desculpas, as cicatrizes emocionais podem perdurar, evidenciando a importância de evitar o comportamento prejudicial desde o início. Algumas turmas do sexto e sétimo ano manifestaram o interesse em nomear o boneco utilizado na dinâmica. No fragmento 1 pode-se observar o nome Neymar. Outros nomes foram criados por iniciativa dos estudantes como Cleiton Cleitinho e Rogerinho. A seguir encontram-se fragmentos retirados do diário de campo:

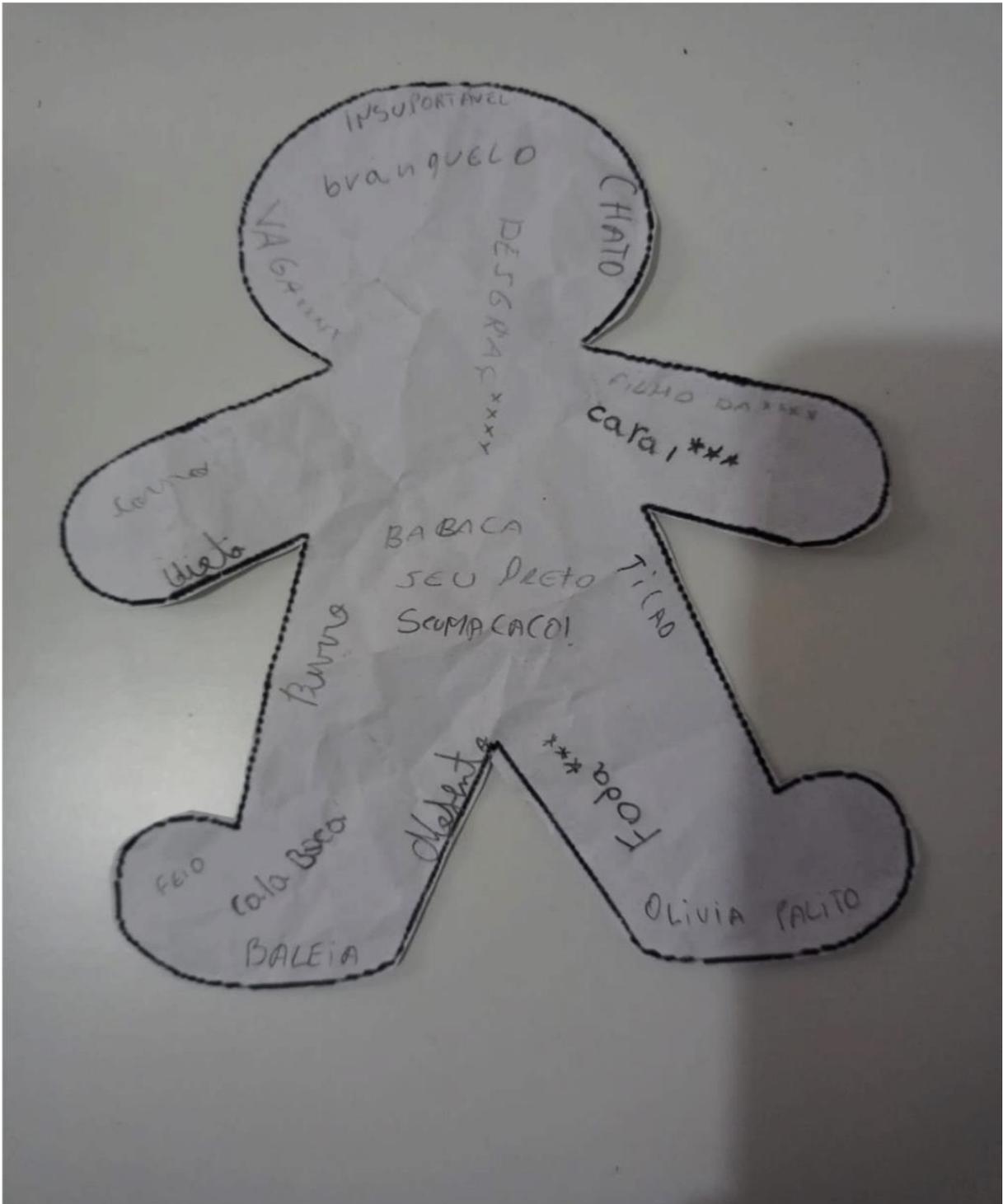
Fragmento 1 – turma do sexto ano e o boneco Neymar. A turma era bem participativa, logo pedimos para eles fazerem uma roda para que pudessem nos apresentar. Perguntamos o que era bullying e eles tinham um bom conhecimento acerca do conceito. Também sabiam muito a respeito dos tipos de bullying. No quadro foi pontuado o que eles entendiam por bullying e os tipos de bullying. Questionamos também o que poderiam fazer caso sofressem bullying e eles foram bem desenvolvidos: “Podemos contar para o profe, para a diretora e para os pais”. Fizemos também a dinâmica do boneco e no primeiro momento eles o chamaram de Neymar. A ideia era ofender o boneco e disseram que era “feio, gordo, preto, nojento, fedido, magro, magrelo, seco, fedorento”. Na última etapa, construção do cartaz, todos participaram e criaram um lindo trabalho em conjunto (Diário de campo, 2023).

Fragmento 2 – Turma do sétimo ano e o boneco Cleiton Cleitinho. Após algumas ponderações sobre a temática, eles argumentaram que algumas brincadeiras que fazem não consideram bullying, de forma que foi explicado para eles que é preciso analisar se a pessoa alvo da brincadeira está se sentindo triste com aquilo. A dinâmica do boneco amassado foi interessante, pois eles nomearam os bonecos de Cleiton Cleitinho e acabaram reconhecendo que assim como o boneco uma pessoa que sofre bullying não permanece mais a mesma. Nesse momento uma das meninas comentou que sofreu bullying quando era mais nova, que era colega da menina que a agrediu, mas que passaram a se dar bem. Apesar disso, em outro momento ela comentou que não conseguia se controlar, essa também comentou que frequentava o psicólogo (Diário de campo, 2023).

Em ambos os fragmentos, a interação inicial da turma, demonstrando familiaridade com o conceito e os tipos de bullying, foi positiva, indicando um ambiente onde o tema já estava sendo discutido de alguma forma. Outro ponto importante a destacar é que no fragmento 2 ocorre a revelação da experiência pessoal da estudante a qual adiciona uma dimensão emocional à discussão, enfatizando que as vítimas de bullying são pessoas que erram e que podem repensar suas atitudes.

Na imagem 1, fica evidente que os estudantes registraram diversas palavras que identificaram como manifestações de bullying.

Imagem 1 –  
Boneco de papel.



Fonte: arquivo de projeto de extensão (2023).

Ao perceberem a persistência das marcas, mesmo após o pedido de desculpas, foi ressaltada a necessidade de consideração, empatia e compaixão nas interações diárias com os colegas. Esse entendimento mais aprimorado sobre a importância das boas relações e do respeito, teve o objetivo de contribuir para fortalecer a construção de relações saudáveis e para a promoção de um ambiente escolar mais acolhedor. Para finalizar, todos foram convidados a se reunir no centro da sala para colaborar na construção conjunta de

um cartaz. Nesse momento, o objetivo era permitir que criassem em conjunto algo significativo, incorporando desenhos, palavras ou frases que retratavam situações relacionadas ao tema.

Ao finalizar as atividades foi importante reconhecer a participação ativa e engajada dos estudantes. O fato de expressarem o desejo dos coordenadores retornarem e trabalharem novamente com esse assunto pode reforçar a relevância e o impacto positivo que as discussões sobre bullying tiveram em sua percepção. Além disso, é digno de nota que, em meio às interações, muitos estudantes identificaram práticas de bullying em suas próprias ações, e se deram conta que tinham a oportunidade de pedir desculpas para seus colegas, bem como refletir sobre seus comportamentos.

Para examinar os resultados do entendimento dos estudantes a respeito do bullying, conduziu-se uma análise por meio de uma nuvem de palavras, destacando os termos mais prevalentes nos bilhetes que definem o conceito. Empregou-se o software Iramuteq evidenciando um conjunto de 438 palavras. Para atingir esse valor total, foi necessário escolher as configurações de análise pertinentes para a contagem das palavras. Isso inclui a seleção da opção de "Frequência de palavras" nas configurações da análise. Após a exclusão de palavras sem significado, como advérbios, conjunções, preposições e pronomes, identificou-se um total de 271. As palavras mais frequentes foram "Bullying" (n=98), "gordo" (n=15), "violência" (n=15), "psicológico" (n=13), "físico" (n=11), "agressão" (n=12), "feio" (n=10), "sofrer" (n=10), "brincadeira" (n=10), "mal" (n=10), "verbal" (n=9), "apelido" (n=6), "fisicamente" (n=5); "aparência" (n=5), "triste" (n=5), "virtual" (n=4), "ofensa" (n=4), "bater" (n=4), "praticar" (n=4), "desrespeito" (n=4), "magoar" (n=4), "maltratar" (n=4), "humilhar" (n=3), "julgar" (n=3), "ansiedade" (n=3), "depressão" (n=3), "magro" (n=3), "machucar" (n=3), "tristeza" (n=3), "agressor" (n=3), "ruim" (n=2), "raiva" (n=2), "psicologicamente" (n=2), "errado" (n=2), "medo" (n=2), "trauma" (n=2), "errado" (n=2), "ruim" (n=2).

A análise da nuvem de palavras revela uma ênfase significativa em alguns termos-chave que capturam as percepções e preocupações dos estudantes sobre o bullying. A palavra "Bullying" (n=98) se destaca como a mais proeminente, indicando uma consciência generalizada desse comportamento no contexto escolar. Outro termo que ganha destaque é "gordo" (n=15), evidenciando uma atenção significativa às questões relacionadas à aparência e ao corpo. A frequência desse termo ressalta a importância de abordar o tema e sua relação com a imagem corporal e promover uma cultura escolar que celebre a diversidade e combata o estigma. As palavras "violência" (n=15) e "agressão" (n=12), por sua vez, destacam a percepção dos estudantes sobre a natureza agressiva do bullying, indicando uma compreensão clara de que essa prática pode se manifestar de maneira física e prejudicial. O termo "psicológico" (n=13), "psicologicamente" (n=2) "físico" (n=10) e "fisicamente" (n=8) apontam para a consciência dos estudantes sobre os impactos emocionais e as diversas formas de bullying.

Os termos "sofrer" (n=10), "mal" (n=10), "brincadeira" (n=10) e "feio" (n=10) refletem a dualidade do fenômeno, indicando que, embora o bullying possa ser percebido como um sofrimento para a vítima, também pode ser disfarçado como uma simples brincadeira.

A presença frequente do termo "verbal" (n=9) indica que o reconhecimento das agressões verbais no contexto do bullying. Isso sugere uma compreensão da natureza insidiosa das palavras e do impacto que podem ter nas vítimas. Os termos "apelido" (n=6)

e "aparência" (n=5) refletem a preocupação com o bullying relacionado à imagem corporal e à estigmatização com base na aparência. Essa parte específica indica a necessidade de abordagens que promovam a aceitação da diversidade de corpos e desencorajem o julgamento baseado em características físicas. A combinação de "triste" (n=5) e "maltratar" (n=4) sugere que o bullying está associado a possuir um impacto psicológico sobre as vítimas. Os termos como "virtual" (n=4) e "ofensa" (n=4) indicam uma percepção do bullying que vai além do ambiente físico da escola, abrangendo o ciberespaço (e.g., é um conjunto de rede de computadores, na qual todo o tipo de informação é circulada). Os termos "desrespeito" (n=4), "praticar" (n=4) e "bater" (n=4) apontam para a dimensão comportamental dessas práticas, destacando a necessidade de promover relações saudáveis e respeitadas entre os estudantes. O termo "humilhar" (n=3), por sua vez, sugere que os estudantes reconhecem a presença de comportamentos humilhantes.

A inclusão dos termos "julgar" (n=3), "ansiedade" (n=3), "agressor" (n=3) pelos estudantes aponta para uma compreensão mais ampla do bullying, envolvendo não apenas ações diretas, mas também o julgamento e o impacto emocional, como a ansiedade. A presença dos termos "depressão" (n=3), "tristeza" (n=3) e "agressão" (n=3) destaca a correlação entre o bullying e questões emocionais. Os termos "ruim" (n=2), "raiva" (n=2) indicam a compreensão dos impactos negativos tanto no bem-estar emocional quanto na saúde psicológica. Por fim, os termos "medo" (n=2), "trauma" (n=2), "errado" (n=2), "ruim" (n=2) sugerem que os estudantes associam o bullying a um ambiente escolar temeroso, onde a ameaça de intimidação gera sentimentos de medo.

### **Descrição das atividades nos oitavos e nonos anos**

As atividades com os oitavos e nonos anos aconteceram de maneira semelhante às turmas anteriores. Participaram oito turmas de duas escolas, sendo quatro oitavos e quatro nonos, com, aproximadamente, trinta alunos em cada turma. As atividades foram realizadas em encontros únicos com cada turma, individualmente, ocupando um horário em média de uma hora, conforme a disponibilidade prévia da instituição e dos extensionistas. A partir disso, a estrutura dos encontros envolveu o estímulo da expressão individual e coletiva a respeito dos conhecimentos prévios sobre o bullying, a exposição teórica sobre a temática, a dinâmica do boneco de papel e, por fim, a dinâmica do elogio.

Foram distribuídos cartões para que os estudantes pudessem escrever ou desenhar o que entendiam sobre o fenômeno do bullying. Essa dinâmica possibilitou a expressão individual sobre o que cada um sabia a respeito da temática. Após isso, todos foram convidados a compartilhar o que haviam registrado. No geral, os estudantes demonstraram maturidade e conhecimento ao escreverem sobre, relatando experiências pessoais de sofrimento, possíveis efeitos do bullying como depressão e suicídio, além de caracterizá-lo como um problema comum de grande prevalência.

Foi conduzido um momento mais teórico sobre os tipos de bullying – físico, verbal, psicológico e virtual –, e as relações estabelecidas – vítima, agressor, vítima-agressor e observador/espectador. Foram distribuídas cenas de situações de bullying impressas em folhas A4 para auxiliar os estudantes a identificar e debater o que cada uma representava. Apesar da compreensão a respeito da temática, esta atividade foi pensada para que os estudantes pudessem visualizar as cenas de violência e conseguissem elaborar o que

estava se passando em cada uma. Por via de regra, todos os participantes tiveram êxito ao identificar o que estava estabelecido nas vinhetas, até mesmo sugestionaram o que poderia estar acontecendo em cada determinada situação e os possíveis desfechos.

Para a finalização do momento teórico, foi proposta a dinâmica do boneco de papel, a qual a cada ofensa recebida o papel era amassado. As ofensas proferidas pelos oitavos e nonos anos, em geral, tiveram um caráter mais elaborado e pessoal, em comparação com as dos sextos e sétimos anos. Exemplos: como “tu é uma pessoa feia”, “tu não serve para estar aqui”, “te acho nojento” e “tu é muito gorda, nossa” (diário de campo, 2023) foram pronunciados ao boneco. Os estudantes realizaram a dinâmica com certa dificuldade e espanto inicial, sendo os insultos proferidos, majoritariamente, com um tom de voz mais baixo e comportamento mais contido comparados com os até então presenciados. A movimentação ao pedir desculpas ao boneco que era desamassado gerou comentários, evidenciando que, as marcas no boneco, representavam sentimentos de ansiedade, tristeza e solidão. Além disso, a dinâmica suscitou comentários como “como é difícil saber que as pessoas falam isso?” e “O sentimento ao fazer isso é tristeza” - sobre ofender o boneco (diário de campo, 2023).

A última parte dos encontros nos oitavos e nonos anos aconteceu a partir da dinâmica do elogio, atividade esta que consistia em escrever anonimamente em papéis o que cada um falaria para alguém que não estivesse muito bem, e que precisasse de um conselho ou elogio. Esta dinâmica se diferenciou da atividade lúdica das turmas dos sextos e sétimos anos, as quais produziram cartazes a respeito do tema, e teve por objetivo fortalecer as relações entre os estudantes e quebrar o ciclo de violência do bullying. Havia um certo receio de que esta dinâmica, por ser anônima, pudesse ser utilizada como forma de agredir os colegas, mas isso não aconteceu. Os estudantes escreveram comentários positivos e acolhedores uns para os outros, os quais foram compartilhados coletivamente. Entretanto, apesar de terem demonstrado um bom entendimento prévio a respeito do bullying, houve algumas situações que são importantes de serem debatidas sobre as relações entre os estudantes e professores, como pode ser observado no fragmento seguinte:

Fragmento 3 – Turma do oitavo ano e o boneco Messi Robesvaldo. Nesse sentido, falamos sobre o bullying e eles relataram os tipos e, nesse momento, falaram de um professor que eles não suportam e que desejavam a sua, sendo que ele não tem nada de bom. Sendo assim nós argumentamos que respeitamos os sentimentos deles, contudo não poderíamos dizer que aquela pessoa não teria nada de bom, pois não sabíamos de sua história, vivências e experiências, apenas o que víamos era o que a pessoa apresentava. Na sequência foi realizada a atividade do boneco, o qual deram o nome de Messi Robesvaldo sendo que eles agrediram de diferentes formas a pessoa e depois pediram desculpas, o referido exercício mostra o quanto o bullying deixa marcas. E ao final fizemos a atividade do elogio, todos participaram, exceto o menino que falaram que tem diagnóstico de esquizofrenia. A turma deseja que nós retornemos à escola! (Diário de campo, 2023)

O oitavo ano possuía um estudante que os próprios estudantes diagnosticaram como esquizofrênico, o qual era sistematicamente isolado da dinâmica social na escola. Não só os colegas o rotularam como esquizofrênico, como também os coordenadores da instituição de ensino os orientavam para evitar interações. Essa situação destacou uma evidente

discrepância entre o conhecimento teórico, usado de maneira errônea para segregar o estudante, e a aplicação prática no contexto escolar, o que contribuiu para a produção de intimidação sistemática e sofrimento ao indivíduo. De maneira correlacionada, o bullying contra o professor, em forma de sentimentos mortais que a turma cultivava. Além disso, evidenciou a maneira de lidar com o aversivo, com o insuportável. Enquanto o estudante era isolado nas atividades cotidianas, a exclusão e a hostilidade expostas no desejo de morte do professor apresentavam-se como um isolamento dele no imaginário dos alunos, o único lugar em que eles o poderiam fazer, haja visto que o docente está hierarquicamente acima deles, sendo o mesmo desumanizado e reduzido a uma figura de aversão. Tal situação evidenciada pode sugerir que os estudantes não consideravam suas ações como bullying e, até mesmo, que pudessem gerar impactos negativos para o professor e o ensino. Portanto, por mais que houvesse sensibilidade em relação ao tema trabalhado, os estudantes demonstraram uma insensibilidade com aquilo que não lhes era de seu agrado, criando uma desconexão a respeito de suas próprias ações e sentimentos, tanto em relação com o colega, quanto ao professor.

Da mesma forma, mesmo com o bullying sendo revisitado constantemente como algo prejudicial aos pares, evidenciou-se na turma do nono ano, como demonstra o fragmento a seguir, que o bullying é algo naturalizado e presente nas relações:

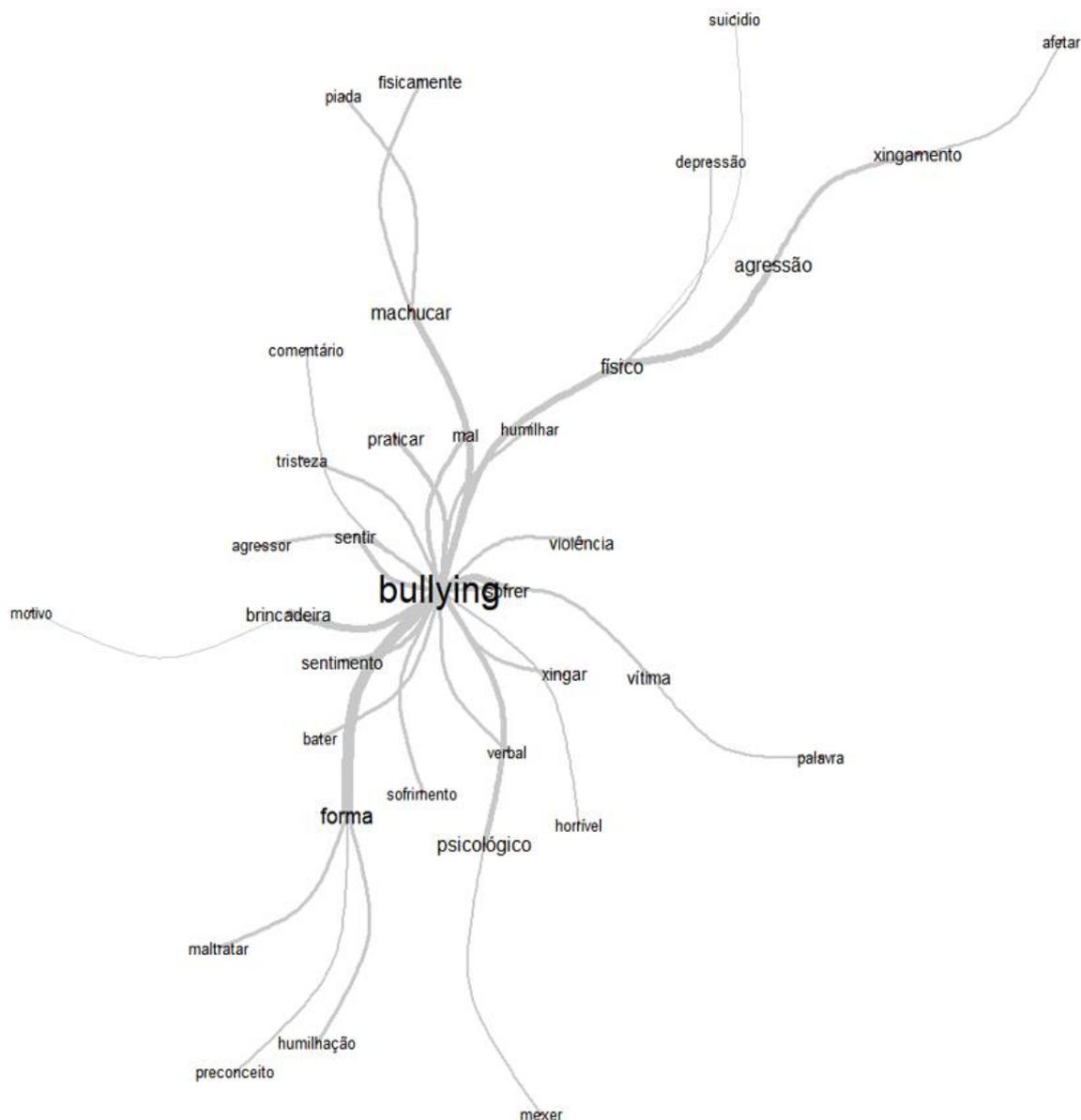
Fragmento 4 – Turma do nono ano e o boneco sem nome. A turma XX parecia ter o bullying como algo muito naturalizado e ao mesmo tempo em que defendiam suas práticas como pouco agressivas para serem consideradas bullying, afirmaram ter desenvolvido um novo tipo de bullying, tamanha era a ocorrência dele em seu convívio na sala de aula. Depois de muitas brincadeiras da parte dos adolescentes e tentativas nossas de direcionar um debate um pouco mais sério, desenvolvemos a dinâmica dos elogios. Entregamos papéis em cores verde e rosa e pedimos que cada um, incluindo nós dois e o professor, escrevesse um elogio ou uma fala carinhosa para algum dos colegas, algo que diria a alguém num momento de fragilidade ou apenas um elogio. Nesse momento pudemos perceber que apesar de todas as brincadeiras, os adolescentes conseguiram refletir de alguma maneira sobre o assunto e escreveram mensagens de fortalecimento aos outros colegas. Havia um receio de que os papéis fossem utilizados como forma de agredir os colegas anonimamente, mas isso não ocorreu na turma. Todos leram o elogio que haviam recebido por sorteio e ao final refletimos sobre a relação íntima que os adolescentes demonstraram ter. Numa fala final, uma das alunas disse que aquela turma era muito unida e assim, agradecemos a atenção e nos despedimos dos alunos. (Diário de campo, 2023)

As constantes brincadeiras realizadas, na percepção dos estudantes, não eram consideradas bullying, pois eram brandas demais. Na turma havia um estudante em específico que era alvo de brincadeiras por parte dos colegas, e que, na visão deles, o bullying que faziam não causava sofrimento, porém o próprio estudante vítima não estava presente no dia das atividades para argumentar sobre. Além de haver um juízo de valor a respeito da intensidade insuficiente de causar prejuízos, boa parte da turma defendeu a utilização de agressão para defesa de uma situação de intimidação sistemática, mas que nessa situação isso não se considerava bullying. Foi notório o não reconhecimento desses episódios como bullying, pois o fato de lidarem como brincadeiras retira o reconhecimento

da gravidade que essa violência pode causar nos pares. Além disso, a naturalização do bullying pode sugerir que há uma aceitação cultural de comportamentos abusivos, os quais fazem parte do cotidiano das interações sociais e geram um ciclo perpetuador de agressividade.

Para o melhor entendimento referente ao que os estudantes achavam a respeito do bullying, foi conduzida uma análise denominada similitude, elaborada a partir dos bilhetes os quais estabelecemos conexões entre as palavras. Abaixo pode ser observada a figura.

Figura 2-  
Análise de similitude.



Fonte: autores (2024).

Inicialmente a ramificação maior estabeleceu conexões intrínsecas entre as palavras "bullying", "humilhar", "físico", "xingamento", "afetar", "depressão" e "suicídio". O "bullying" revelou-se, por meio da observação dos estudantes, como um fenômeno multifacetado, na

qual a humilhação, tanto verbal, quanto física, está frequentemente presente, impactando negativamente a saúde emocional das vítimas. A agressão física associada ao bullying não apenas manifesta danos tangíveis, mas também emerge como um fator desencadeante para o surgimento de quadros depressivos. Além disso, a presença de xingamentos, como uma forma de agressão, contribui para o agravamento do impacto psicológico nas vítimas. Essa rede complexa de interações evidencia a correlação entre experiências de bullying e o aumento do risco de desenvolvimento de condições como sentimentos de tristeza e, na percepção dos estudantes, até depressão, culminando, em casos extremos, em pensamentos suicidas.

A outra ramificação une as palavras "mal", "praticar", "machucar", "piada" e "fisicamente" e sob o olhar dos estudantes estão relacionadas num contexto que sugere a prática de comportamentos prejudiciais ou violentos. O termo "mal" denota a intenção de causar dano ou sofrimento, enquanto "praticar" indica a realização deliberada de uma ação contra o colega. "Machucar" aponta diretamente para causar ferimentos ou danos físicos, e "fisicamente" enfatiza que a ação está relacionada ao corpo, como empurrar. A palavra "piada" é interpretada como uma ação que machuca na percepção dos estudantes, embora possa sugerir a ideia de que o bullying é uma brincadeira. Assim, a relação entre essas palavras sugere a prática de causar danos físicos durante uma briga ou confronto na escola, destacando a natureza negativa e potencialmente violenta das ações descritas relacionadas ao bullying.

Uma ramificação curta relaciona as palavras "motivo" e "brincadeira" no contexto do bullying. A conexão entre "brincadeira" e "bullying" reside no fato de que, na percepção dos adolescentes, o "bullying" é considerado uma brincadeira, menosprezando a sua gravidade. Os motivos por trás do bullying podem variar, incluindo questões de poder, pertencimento a um grupo, problemas familiares, entre outros.

Outra derivação une as palavras "sentimento", "bater", "forma", "maltratar", "preconceito" e "humilhar". Esses termos revelam uma inter-relação complexa que pode se manifestar em diversos contextos. A expressão "sentimento" está intimamente conectada às ações de "maltratar" e "humilhar", e na percepção dos estudantes indica que esses comportamentos são muitas vezes impulsionados por emoções como raiva. A palavra "forma" sugere a variedade de manifestações que tais atitudes podem assumir, seja através de violência física ao "bater" ou de discriminação psicológica por meio do "preconceito".

A análise de similitude com o bullying e as palavras "virtual", "sofrimento", "psicológico" e "mexer" revela conexões importantes. O "bullying virtual", muitas vezes manifestado em plataformas on-line, pode causar, "mexer" gerar "sofrimento" significativo e os estudantes dizem compreender a dimensão desse desconforto. Por fim, a última ramificação engloba as palavras entre bullying e as palavras "xingar", "horrível", "sofrer", "violência", "vítima" e "palavra". O ato de "xingar" está muitas vezes associado ao bullying, indicando uma forma de violência verbal que pode causar sofrimento emocional, sendo comum entre os estudantes. A palavra "horrível" acentua a natureza negativa e prejudicial dessas interações, destacando o impacto emocional intenso que as vítimas podem enfrentar. "Sofrer" é uma consequência direta do bullying, descrevendo a experiência dolorosa enfrentada por eles. "Violência" amplifica a seriedade do bullying, destacando que não se limita às palavras, mas pode incluir comportamentos físicos, e para os estudantes existem muitas formas de violência. "Vítima" refere-se à pessoa que está sujeita ao bullying,

destacando a desigualdade de poder nessa dinâmica. A inclusão da palavra "palavra" ressalta o papel central da linguagem nas dinâmicas de bullying, seja através de insultos ou do pedido de desculpas.

### Considerações finais

O objetivo deste artigo foi descrever as práticas e estratégias de intervenção empregadas pelos membros de um projeto de extensão nas escolas com o objetivo de trabalhar o bullying. As atividades realizadas nos encontros sobre bullying, tanto nos sextos e sétimos anos, quanto nos oitavos e nonos anos, demonstraram uma participação ativa e um interesse notável dos estudantes em explorar o tema. A abordagem uniforme em todas as turmas, centrada na expressão individual, promoveu um ambiente de familiaridade e estimulou vínculos entre os participantes, além de entenderem que algumas de suas atitudes se caracterizavam como bullying.

Outro ponto importante a ser salientado é que, embora tenham sido observadas algumas situações desafiadoras, como a naturalização do bullying em determinadas turmas, as atividades forneceram insights valiosos sobre a complexidade e as diferentes manifestações desse fenômeno. A persistência das marcas emocionais, mesmo após pedidos de desculpas de alguns colegas para outros, destacou a importância de se cultivar a consideração, a empatia e a compaixão nas interações diárias.

A dinâmica envolvendo o boneco de papel, em que ofensas eram proferidas resultando no amassar da folha correspondente, proporcionou uma experiência simbólica marcante. Ao pedir desculpas e desamassar o papel, os estudantes perceberam que, embora a folha pudesse ser restaurada visualmente, as marcas persistiam. Esse momento simbólico ressaltou de maneira impactante a importância de evitar comportamentos prejudiciais desde o início e destacou a complexidade das cicatrizes que podem perdurar.

Ademais, o engajamento contínuo dos estudantes e o interesse em aprofundar as discussões em outros momentos indicam a relevância de manter abertas as conversas sobre o tema, visando construir relações saudáveis e fomentar uma cultura de respeito e empatia nas escolas. As limitações do estudo foram a condução em apenas três escolas específicas com um grupo demográfico particular e em encontros únicos. Sugere-se que intervenções antibullying sejam realizadas em todas as escolas, de maneira contínua, considerando a relevância e seriedade do bullying e suas consequências.

### Referências

ALBUQUERQUE, Amanda Pereira; MACIEL, Sílvia. Bullying escolar: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 37, n. 117, 2022, p. 186-198.

ALCANTARA, Stefania Carneiro de et al. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2019, p. 509-522.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. *Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015*: instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm). Acesso em: 05 jan. 2024. Acesso em: 03 jan. 2024.

BRASIL. *Lei n. 13.663, de 14 de maio de 2018*: altera o art. 12 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília, 2018. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13663.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13663.htm). Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. *Lei n. 14.811, de 12 de janeiro de 2024*: institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o decreto-lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e as leis n. 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília, 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/l14811.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14811.htm). Acesso em: 31 jan. 2024.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, 2013, p. 513-518.

CFP. *Referências técnicas para atuação de psicólogos na educação básica*. Brasília: CFP, 2019.

COSTA, Acaahi Ceja de Paula da et al. Educação e saúde: a extensão universitária como espaço para tencionar e pensar a educação em saúde. *Brazilian Journal of Development*, São José dos Pinhais, v. 6, n. 4, 2020, p. 21616-21630.

FARAJ, Suane Pastoriza; COSTABEBER, Luciana Santa Catharina; NASCIMENTO, Kelen Braga do; AGUIAR, Luiza Chanças Cardoso de. Enfrentando o bullying na escola: experiências de intervenções no combate à violência. *Aletheia*, Canoas, v. 54, n. 2, 2021, p. 165-162.

FERRER-CASCALES, Rosario et al. Effectiveness of the TEI program for bullying and cyberbullying reduction and school climate improvement. *International journal of environmental research and public health*, China, v. 16, n. 4, 2019, p. 580.

FERNANDES, Grazielli; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Intervenção antibullying no contexto escolar: Estudo de viabilidade. *Research, Society and Development*, São Paulo, v. 10, n. 8, 2021, p. e57910817626-e5791081762.

FORPROEX. *Política nacional de extensão universitária*. Manaus: Forproex, 2012.

FREIRE, Alane Novaes; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do bullying. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 16, n. 1, 2012, p. 55-60.

IBGE. *Apresentação de dados sobre saúde do estudante a partir dos resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KÄRNÄ, Antti et al. Effectiveness of the KiVa Antibullying Program: grades 1-3 and 7-9. *Journal of Educational Psychology*, São Paulo, v. 105, n. 2, 2013, p. 535-551

LEMBO, Victória Maria Ribeiro et al. Revisão sobre características de meninos e meninas que praticam bullying escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 25, n. 3, 2023, p. ePTPPE15019.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, 2005, p. s164-s172.

- MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. *Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. Campinas: Alínea, 2005.
- MELLO, Flávia Carvalho Malta et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, pesquisa nacional de saúde do escolar 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, 2017, p. 2939-2948.
- MEC. *Resolução n. 003/2019*: regula a inserção das ações de extensão nos currículos dos cursos de graduação, 2019. Disponível em: [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/346/2019/11/RES GR 2019\\_003.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/346/2019/11/RES_GR_2019_003.pdf). Acesso em: 3 jan. 2024.
- OLIBONI, Samara Pereira et al. Prevalência do bullying entre alunos do ensino fundamental. *Aletheia*, Canoas, v. 52, n. 1, 2019, p. 8-21.
- OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. Psicologia escolar: cenários atuais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2009, p. 648-663.
- OLWEUS, Dan; LIMBER, Susan P. Bullying in school: evaluation and dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. *American Journal of Orthopsychiatry*, Rio de Janeiro, v. 80, n. 1, 2010, p. 124-134.
- OLWEUS, Dan. School bullying: development and some important challenges. *Annual review of clinical psychology*, Los Angeles, v. 9, 2013, p. 751-780.
- PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, 2015, p. 3509-3522.
- PIRES, Jéssica; TESSARO, Mônica; PEDRON, Mariluce. Estratégias de prevenção do bullying escolar: relato de intervenção com crianças do ensino fundamental I. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 32, n. 65, 2022, p. 1-18.
- SANTOS, João Henrique de Sousa; ROCHA, Bianca Ferreira; PASSAGLIO, Kátia Tomagnini. Extensão Universitária e Formação no Ensino Superior. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, Santa Catarina, v. 7, n. 1, 2016, p. 23-28.
- SILVA, Jorge Luiz da et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, 2017, p. 2329-2340.
- SILVA, Jorge Luiz da et al. Intervenção em habilidades sociais e bullying. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 71, 2018, p. 1085-1091.
- VIEIRA, Flávio Henrique Marçal et al. Impactos do bullying na saúde mental do adolescente. *Ciência ET Praxis*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2020, p. 91-103.